



PRECONCEITO CONTRA HOMOSSEXUAIS: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS SERGIPANOS

Jackeline Maria de Souza¹

André Faro²

Joilson Pereira da Silva³

Renata Silva Teixeira⁴

Resumo: Teve-se como objetivo analisar o preconceito explícito e implícito entre estudantes universitários frente a homossexuais. Utilizou-se como instrumentos uma escala de homofobia explícita e implícita e um questionário sócio demográfico. Participaram 588 universitários de cursos variados de uma universidade federal. Os resultados indicaram que, pessoas de ambos os sexos apresentaram médias significativas de preconceito. Observou-se que os grupos comumente percebidos como mais preconceituosos (religiosos, curso da área de exatas, agrárias e engenharias) apresentaram maiores escores no preconceito implícito. Desta forma, os resultados sustentam uma diferença quanto à existência dos dois tipos de preconceito, a sensibilidade desse instrumento para perceber essas diferenças e a desejabilidade social atuando nas medidas explícitas, o que justificaria os resultados encontrados.

Palavras-chave: homofobia explícita, homofobia implícita, universitários.

¹ Mestranda do curso de Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. jackeline.souza1@gmail.com

² Professor Dr. da Universidade Federal de Sergipe – UFS. andrefaro@superig.com.br

³ Professor Dr. da Universidade Federal de Sergipe – UFS. joilsonp@hotmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. renatinha-st@bol.com.br

Tentando compreender o caso do preconceito contra homossexuais, é importante compreender que até então naturalizada, a heteronormatividade – postura que coloca o modo de se relacionar heterossexual como sendo o “correto” em detrimento das relações entre pessoas do mesmo sexo – só vem a ser reconhecida como um processo social, ou seja, como algo que é socialmente produzido e conseqüentemente passível de problematização, a partir da ação de intelectuais ligados aos estudos da sexualidade.

Embora não se possa falar em uma homogeneidade do ser masculino, visto que este processo está implicado em um determinado tempo histórico e cultural e que, portanto, varia ao longo do tempo e espaço, pode-se pensar em um modelo hegemônico de masculinidade. Isto é, um modelo que embora não seja único, é predominante idealizado e valorizado na cultura. Esse estereótipo de homem estaria fundamentado na virilidade, na reserva quando os sentimentos e fraquezas, na independência, autocontrole, agressividade, impulsividade, força física e principalmente no caráter ativo no contato com o mundo. Desta forma, quando alguém não cumpre esse papel é visto como um fracassado nesse ideal, tornando-se um exemplo negativo (Trindade & Nascimento, 2004) e que, portanto, não tem porque ser tratado como os demais.

Já por homofobia entende-se o medo, ódio e aversão a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, de modo a orientar tratamentos discriminatórios fazendo com que os homossexuais tenham sua dignidade ferida e desrespeitada (Borges, Passamani, Ohweiler, & Bulsing, 2011) pelo fato destes irem de encontro aos protótipos de masculino e feminino. Nessa lógica, haveria a ordem posta do biológico (macho-fêmea), que determina uma forma de sexualidade (heterossexual) e um comportamento social (masculino/feminino) (Borrillo, 2009). Trata-se, portanto, de um dispositivo de regulação da sexualidade que objetiva à manutenção da heteronormatividade (Teixeira-Filho, Rondini, & Bessa, 2011).

Tida como uma das poucas formas de exclusão ainda socialmente aceitas, a homofobia pode ser encarada como um discurso institucionalizado, que permite práticas de exclusão e violência em virtude de uma avaliação arbitrária que coloca o homossexual como inferior, anormal e estranho (Teixeira-Filho, Rondini, & Bessa, 2011). Tendo a homofobia, portanto, como a guardiã das fronteiras hetero/homo e de gênero masculino/feminino, a discriminação volta-se não apenas para aqueles que desenvolvem um comportamento afetivo-sexual com uma pessoa do mesmo sexo, mas também todos aqueles que ultrapassem a norma, como por exemplo, travestis, transexuais, bissexuais, homens afeminados e mulheres masculinizadas, já que estes se afastam do modelo binário e dicotômico de referência (Borrillo, 2009).

Nessa mesma relação de legitimação/negação das diferentes formas de sexualidade, o modelo hegemônico de masculinidade impõem parâmetros também para os heterossexuais, levando os mesmos a afirmarem sua sexualidade e virilidade a partir de comportamentos agressivos. Assim, para construção de uma identidade masculina é demandando a recusa aos papéis sociais comumente relacionados ao feminino, como a delicadeza ou emoção. Além de negar esse estereótipo, é assumido como mecanismo psicológico o insulto àquele que foge a regra e viola o perfil do ser masculino. As humilhações sexistas são um desses mecanismos (Junqueira, 2009a).

Nessa perspectiva Bourdieu (1999, p.66), afirma que,

o que chamamos de “coragem” muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: [...] basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo “viril” de ser excluído do mundo dos “homens” sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de “duros” porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros [...].

Vale ressaltar que embora tenha sido utilizado como exemplo o ideal de masculinidade, esse preconceito não se limita ao universo masculino, já que em oposição a esse ideal de homem também é criado um modelo de mulher sentimental e passiva. Este por sua vez, quando não é correspondido também se torna alvo de discriminação. Muito embora, dado aspectos culturais de uma sociedade machista é comum se observar na literatura a ênfase na homossexualidade masculina.

Diante de todo o exposto, no presente trabalho compartilha-se da compreensão, de que a homofobia também poderia ser estendida para além de um comportamento individual de uma postura anti-homossexual, passando a ser lido a partir de diversos outros contextos, como por exemplos, no campo cultural, educacional, jurídico e político, entre outros. Ou seja, muito além de uma agressão física, a homofobia pode ser vista como um fator de restrição para esses cidadãos que tem violados seus direitos mais básicos, como o direito a vida, saúde e educação (Junqueira, 2009b).

Por concordar com esta visão sobre o assunto, o presente trabalho compreende como preconceito a atitude hostil a um sujeito simplesmente pelo fato deste pertencer a um exogrupo negativamente e homoganeamente avaliado. Vale destacar que essa atitude é compreendida como “produto” do pertencimento a um dado contexto histórico e político, isto é, trata-se de algo aprendido no convívio social (Lima, 2011a). Assim, uma vez que é compreendido como um fenômeno social, pode-se afirmar que não

apenas as formas de estudar e compreender o preconceito foram se modificando ao longo dos anos, como também que o próprio fenômeno se alterou.

A afirmativa acima pode ser observada no fato da postura explícita do preconceito, facilmente percebida no período anterior à Segunda Guerra Mundial, ter se tornado mais camuflada, o que se tornou uma dificuldade a ser superada pelas medidas em psicologia. Ou seja, embora tenha sido observada uma redução nos valores das mensurações do preconceito, estes achados não podiam ser associados simplesmente à diminuição do preconceito na atualidade, mas sim a uma mutação, na qual o mesmo passa de uma esfera pública e explícita para um caráter mais privado e implícito. Segundo Lima (2011b), essa mudança pode ser compreendida a partir das novas lógicas políticas da democracia, igualdade e normas antidiscriminatórias, vigentes no período pós Segunda Guerra Mundial.

Dessa forma, esse arranjo social e político produziu mudanças na forma como o preconceito é manifestado, e conseqüentemente no modo como o mesmo é estudado. Essa nova fase das pesquisas tem sido comumente chamada na literatura de “novas expressões” de preconceito (Lima & Vala, 2004). Embora haja diversas maneiras de se conceituar essa manifestação, e cada uma delas possua suas especificidades – preconceito moderno (McConahay, 1986); preconceito simbólico (Sears & Henry, 2003); preconceito ambivalente (Katz & Hass, 1988); preconceito sutil (Pettigrew & Meertens, 1995) – de modo geral as teorizações possuem uma base comum: o fato dos sujeitos não desejarem ser preconceituosos. Essa postura leva estas pessoas a se autodenominarem inclusivas, muito embora ainda estejam presentes nelas um desagrado e aversão à diferença percebida nesse “outro”. Desse modo, embora não declarem uma associação entre o exogrupo e aspectos negativos, também não atribuem aspectos positivos a esse grupo. Pelo contrário, as avaliações positivas são relacionadas ao endogrupo.

Ressalta-se ainda que as “novas expressões do preconceito” se assemelham ao partilhar a ideia de que as medidas indiretas permitem dados menos contaminados pela desejabilidade social e pela busca de conformação com a norma do não-preconceito. Vale destacar que essa não-contaminação tem sua teorização confirmada empiricamente no estudo de Pereira e Vala (2011), no qual foi observada a diferença entre essas duas medidas (manifestas e sutis). Observou-se que as pessoas tendiam a apresentar maiores escores de preconceito quando respondiam às escalas dos “novos preconceitos” se comparadas às medidas explícitas.

No Brasil, a existência do preconceito e discriminação contra homossexuais pode ser observado em diferentes formas de manifestação, contextos, intensidade e consequências negativas na vida das pessoas percebidas como pertencentes a esse grupo minoritário (Falcão, 2004; Green, 1999; Lacerda et al., 2002; Pereira, 2004; Rios, 2002).

No contexto social de camuflagem do preconceito, Lima (2011a) chama atenção para o fato do preconceito contra homossexuais parecer ainda não estar sob a norma do não-preconceito, podendo ser percebido de forma violenta e pública, tal como acontecia com os negros no século XIX. Concordando com essa perspectiva, alguns estudos apontaram que essa norma do igualitarismo, no qual é preconizado que “todas as pessoas tem direitos iguais”, parece não ser tão simples para orientar os comportamentos quando a minoria em questão são os homossexuais (Faria, Leite, Torres, & Bittar, 2006; Torres & Faria, 2008). Diferente dessas pesquisas que revelaram o preconceito flagrante frente a grupos não heterossexuais, outros estudos tem demonstrado a existência de um preconceito mais sutil com esse grupo (Lacerda, Pereira, & Camino, 2002; Falcão, 2004; Pereira, 2004).

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo verificar a diferença entre preconceito explícito e implícito entre universitários, bem como sua relação com variáveis como sexo, idade e curso de formação superior.

Método

Participantes

Participaram 588 universitários de cursos variados, sendo a maioria de engenharia (34%), seguido de humanas e sociais aplicadas (22%), biológicas e saúde (17%), agrárias, exatas e da terra (16%) e letras e linguística (11%). Nessa amostra, 58,3% se autodenominaram, 20,3% brancos, 15% negros e 6,5% outras classificações (ex. amarelo e indígena). 54,5% eram do sexo feminino, 89% solteiros e 78,5% afirmaram possuir religião. As idades variaram dos 17 aos 43 anos ($M = 22$; $DP = 4,68$). O único critério utilizado para seleção dessa amostra foi a aceitação voluntária.

Instrumento

A escala de homofobia manifesta e sutil (Castillo et al., 2003) foi produzida a partir da adaptação da escala de preconceito racial sutil e manifesto de Pettigrew e Mertens (1995). Essa escala é composta por duas sub-escalas: uma escala de homofobia

manifesta, composta por 10 itens, e outra de homofobia sutil, adaptada com 7 itens. Ambas as escalas são compostas por sentenças afirmativas, nas quais os participantes apresentavam seu nível de concordância a partir de uma escala Likert de sete pontos, que variava desde “discordo totalmente” (1), até “concordo totalmente” (7).

Procedimentos

O instrumento foi aplicado nas salas de aulas de forma coletiva, no qual o sujeito não precisava se autoidentificar. Após solicitado o espaço ao professor, os pesquisadores, devidamente treinados para essa função, convidavam o alunos a partir da explicações dos objetivos e método da pesquisa, que se aceito, recebiam o instrumento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ressalta-se que foram seguidas as orientações da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde para realização de pesquisas envolvendo seres humanos.

Análise dos dados

Para análise dos dados foi utilizado a versão 19 do software estatístico SPSS, o qual possibilitou as análises descritivas e inferenciais. Uma vez testado os parâmetros de normalidade da amostra, foi realizada a análise fatorial, o que possibilitou a criação dos escores e conseqüentemente a análise das médias. Para comparação entre médias foram utilizados o teste t para variáveis dicotômicas e ANOVA para comparações a partir de três grupos.

Resultados e Discussão

Os resultados indicaram que, pessoas de ambos os sexos apresentaram médias significativas de preconceito homofóbico. Entre as mulheres houve uma menor pontuação média da homofobia implícita (M = 3,70; DP = 1,12) do que nos homens (M = 4,37; DP = 1,09). Enquanto que no preconceito explícito, foi identificada uma média superior entre as mulheres (M = 4,59; DP = 0,91) se comparado com aos homens (M = 4,26; DP = 0,93). Esses dados obtiveram intervalo de confiança de 95% e $p < 0,01$.

Com relação a variável religião, notou-se que esta se correlaciona significativamente tanto com a homofobia explícita quanto implícita, contudo, de forma diferente em cada uma dessas. Com a homofobia explícita a religião possui uma correlação negativa, ou seja, quanto maior o nível de religiosidade do sujeito, menor o nível de preconceito. Em oposição, na homofobia implícita a correlação foi positiva, isto é, quanto maior a religiosidade, maior o preconceito implícito.

Não foi observada nenhuma relação entre a idade dos participantes e o nível de homofobia explícita ou implícita.

Fazendo uma comparação entre os grupos dos cursos, na homofobia explícita o grupo com maior média foram os estudantes do curso de humanas e sociais ($M = 4,66$), o qual foi estatisticamente diferente dos grupos de agrária ($M = 4,23$), engenharias ($M = 4,40$) e linguística ($M = 4,37$). O grupo de biológicas e saúde não se diferenciou dos demais e obteve média de 4,49.

Na análise do preconceito implícito foi observado que esse foi maior entre o grupo de agrárias ($M = 4,24$). Este se diferenciou significativamente do grupo de humanas e sociais, que possuiu a menor média (3,74). Outra diferença significativa foi entre o grupo de humana e sociais e os grupos de engenharias ($M = 4,07$) e Linguística ($M = 4,11$).

Vale ressaltar que no grupo de ciências sociais e humanas não está incluso o curso de Psicologia, mas sim os cursos de Direito, Geografia, Comunicação social – jornalismo e audiovisual, História, Pedagogia, Serviço social, Administração, Economia e Ciências sociais.

Esses dados são divergentes daquele encontrado por Lacerda, Pereira e Camino (2002), no qual não foi encontrada nenhuma relação entre o nível de religiosidade e o preconceito manifesto ou sutil. Nessa pesquisa, também com universitários nordestinos, esses autores observaram que somente 24% dos participantes eram não preconceituosos

(homofóbicos), sendo os demais (38% e 38%, respectivamente) pertencentes aos grupos de preconceituoso sutil e flagrantes.

Também divergente dos apresentados na presente pesquisa, Lacerda, Pereira e Camino (2002) observaram que os estudantes de engenharia apresentam maior preconceito flagrante, enquanto que os estudantes de medicina e mulheres apresentam mais preconceito sutil. Contudo, além da variável curso, esses autores se aportaram na forma como os participantes ancoravam seus preconceitos. Os participantes preconceituosos flagrantes fazem maiores explicações ético-morais e religiosas e discordam das explicações psicossociais da homossexualidade. Em oposição, os não preconceituosos vão explicar com base em razões psicossociais e discordam das explicações ético-morais e religiosas. O grupo dos preconceituosos sutis, por sua vez, explicam a homossexualidade com base biológica e psicológica, além de discordarem das explicações psicossociais e ético-morais.

Uma possível leitura para a diferença nesses estudos pode ser em virtude do tempo de um estudo para o outro (10 anos) e os acontecimentos sociais e culturais que pregam cada vez mais uma sociedade igualitária, tornando o preconceito cada vez mais sutil. Essa norma agiria com mais força entre os grupos socialmente reconhecidos como preconceituosos, que por sua vez “mascaram” o preconceito explícito, mas ainda assim apresentam essa característica quando é investigada a forma mais sutil/implícita e menos contaminada pela desejabilidade social.

Em suma, percebeu-se que os grupos comumente percebidos como mais preconceituosos (religiosos, curso da área de exatas, agrárias e engenharias) apresentaram maiores escores no preconceito implícito. Desta forma, os resultados sustentam uma diferença quanto à existência dos dois tipos de preconceito, a sensibilidade desse instrumento para perceber essas diferenças e a desejabilidade social atuando nas medidas explícitas, o que justificaria os resultados encontrados.

Também no ambiente universitário, DeSouza & Showalter (no prelo, Em Cerqueira-Santos & DeSouza, 2011) observaram em seu estudo que, no norte da América, aqueles jovens que sofreram algum tipo de discriminação/perseguição sutil à orientação sexual no último ano, manifestavam o desejo de deixar a instituição de ensino, bem como, apresentavam notas inferiores se comparados a jovens que não sofreram perseguição. Esse dado traz uma reflexão no sentido de se investir na luta contra essa perseguição e assim promover um ambiente saudável e prazeroso para todos aqueles que usufruem dele, garantindo assim não apenas o acesso e manutenção a rede de ensino, mas ao aproveitamento satisfatório das experiências que esse ambiente pode trazer tanto no investimento profissional quanto as relação interpessoais que podem ser vivenciadas.

No estudo realizado por Cerqueira-Santos, Winter, Salles, Longo e Teodoro (2007) foi observado que os homens em geral possuem maior representação negativa e menor positiva acerca dos homossexuais se comparados as mulheres. Contudo, essa maior tolerância pode estar no fato das mulheres possuírem mais contato com homossexuais, já que quando sujeitos de ambos os sexos possuem contato, as representações não se diferenciam entre os sexos. A partir dessa pesquisa pode ser ressaltada a necessidade de se promover o contato entre os grupos, a fim de se rever os estereótipos, preconceitos e conseqüentemente a violência, sendo a escola um dos ambientes para essa promoção, já que esta é um importante local de socialização.

No cenário mundial, o Brasil se destaca como o país que mais matam homossexuais, sendo em torno de 150 assassinatos por ano. Essa situação caracteriza o Brasil como um país homofóbico, já que designa este outro como inferior na medida em que desrespeita a dignidade humana. Nesse cenário, cabe refletir sobre a repercussão dessa cultura no âmbito não apenas universitário, mas nos diversos contextos, e de que forma essa cultura heterossexista está mediando às relações que estão presentes desde o

ambiente escolar básico, passando por instituições de ensino superior e ganhando forma de homicídios no país (Borges & Meyer, 2008).

Referências

BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.; BULSING, M. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). *Educar em Revista*, 39, p.21-38, 2011.

BORRILLO, D. A Homofobia. Em: LIONÇO, T. & DINIZ, D. (Orgs). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres : EdUnB. p.5-46, 2009.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CASTILLO, M.N.Q., RODRIGUEZ, V.B., TORRES, R.R., PÉREZ, A.R. & MARTEL, E.C. La medida de la homofobia manifiesta y sutil. *Psicothema*.v.5, n.2, p.197-204, 2003.

CERQUEIRA-SANTOS, E., DESOUZA, E. Preconceito e discriminação contra minorias sexuais: o caso da homofobia. Em: TECHIO, E.M., LIMA, M.E.O. (Org) *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal*. Brasília: Technopolitik, p.247-272, 2011.

FALCÃO, L. C. *Adoção de crianças por homossexuais: crenças e formas de preconceito*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

FARIA, M. R.G. V., LEITE, T. V., TORRES, A. R. R., & BITTAR, M. M. Influência dos ideais democráticos na discriminação contra portadores do HIV. *Revista de Psicologia da UnC, Concordia*,p.1-11, 2006.

GREEN, J. N. *A Homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 1999.

JUNQUEIRA, R.D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em: JUNQUEIRA, R.D. (org). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. (pp.13-51). Brasília: MEC/UNESCO, 2009a.

JUNQUEIRA, R.D. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. Em: JUNQUEIRA, R.D. (org). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. (pp.367-444). Brasília: MEC/UNESCO, 2009b.

KATZ, I., & HASS, R.G. Racial ambivalence and American value conflict: correlational and priming. *Studies Psychology*, v.55, n.6, p.893-905, 1988.

LACERDA, M., PEREIRA, C. & CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, p.165-178, 2002.

LIMA, M.E.O. Preconceito. Em CAMINO, L., TORRES, A.R.R., LIMA, M.E.O., & PEREIRA, M.E. (Orgs). *Psicologia Social: temas e teorias* (pp.451-500). Brasília: Technopolitik, 2011a.

LIMA, M.E.O. Da diferença à indiferença: Racismo contra índios, negros e ciganos no Brasil. Em TECHIO, E.M. & LIMA, M.E.O. (Orgs) *Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp.217-245). Brasília: Technopolitik, 2011b.

LIMA, M.E.O., & VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia, (Natal)*, v.9, n.3, p.401-411, 2004.

MCCONAHAY, J.B. Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale. Em DOVIDIO, J.F. & GAERTNER, S.L. (Orgs). *Prejudice, Discrimination and Racism* (pp.91-125). San Diego: Academic Press, 1986.

PEREIRA, A. S. L. S. *Representações sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

PEREIRA, C.R. & VALA, J. A.. Legitimação da discriminação em diferentes contextos normativos. Em TECHIO, E.M. & LIMA, M.E.O. (Orgs). *Cultura e produção das diferenças: Estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp.363-404). Brasília: Technopolitik, 2011.

PETTIGREW, T.E. & MEERTENS, R.W. Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25, p.57-75, 1995.

RIOS, R. R.. *O Princípio da igualdade e a discriminação por orientação sexual: a homossexualidade no direito brasileiro e norte-americano*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

SEARS, D.O. & HENRY, P.J. The origins of symbolic racism. *Journal of personality and social psychology*, v.85, n.2, p.259-275, 2003.

TEIXEIRA-FILHO, F.S.; RONDINI, C.A. & BESSA, J.C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. *Educação e Pesquisa*, v.37, n.4, p.725-742, 2011.

TORRES, A. R. R. & FARIA, M. R. G. V. Creencia en el mundo justo y prejuicio: homosexuales portadores de VIH/SID. *Interamerican Journal of Psychology*, v.42, n.3, p.570-579, 2008.

TRINDADE, Z.A; NASCIMENTO, A.R.A. O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. Em: SOUZA, L. & TRINDADE, Z.A. *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Caso do Psicólogo, p.146-162, 2004.